



A RELAÇÃO “INDIVÍDUO E SOCIEDADE” NA LITERATURA À LUZ DE GOLDMANN, NORBERT ELIAS E BOURDIEU

Luana Goulart Machado¹

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar as contribuições de Goldmann, Norbert Elias e Bourdieu sobre a relação indivíduo e sociedade no âmbito literário; fazendo uso de alguns conceitos-chaves e teorias que marcam a trajetória de cada autor. Neste sentido, é possível perceber a relação de reflexo entre a consciência do grupo social e o imaginário do escritor, no bojo da ideia de “sujeito transindividual” de Goldmann; o uso dos conceitos de figuração e enfoque figuracional, de Norbert Elias, na análise dos romances científicos/utópicos de Wells; e as inúmeras contribuições de Bourdieu para a sociologia da literatura através de sua definição de campo de poder, *habitus*, e etc. Por este caminho, pode-se observar algumas posturas diferenciadas quanto às imbricações entre o “social e a literatura” e a “sociedade e o escritor”.

PALAVRAS-CHAVE: Indivíduo. Sociedade. Goldmann. Norbert Elias. Bourdieu.

THE RELATION "INDIVIDUAL AND SOCIETY" IN THE LIGHT OF LITERATURE GOLDMANN, NORBERT ELIAS AND BOURDIEU

ABSTRACT

The present work intends to approach the contributions of Goldmann, Norbert Elias and Bourdieu on the relation individual and society in the literary scope; Making use of some key concepts and theories that mark the trajectory of each author. In this sense, it is possible to perceive the relation of reflection between the consciousness of the social group and the imaginary of the writer, in the bundle of the idea of "transindividual subject" of Goldmann; The use of concepts of figuration and figurative focus, by Norbert Elias, in the analysis of Wells' scientific / utopian novels; And Bourdieu's numerous contributions to the sociology of literature through his definition of the field of power, *habitus*, and so on. Along this path, we can observe some differentiated positions regarding the imbrications between "social and literature" and "society and writer".

KEYWORDS: Individual. Society. Goldmann. Norbert Elias. Bourdieu.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRRJ).

INTRODUÇÃO

Dentro da sociologia impera-se um questionamento clássico, no qual atravessa várias décadas: a relação entre agência e estrutura. Não muito consensual, esta questão ainda permanece viva e é pauta de discussões nas diversas áreas e vertentes das ciências sociais, como por exemplo, na sociologia da literatura. Para enveredar este debate, foram selecionadas três personalidades marcantes do âmbito sociológico para entender a relação entre indivíduo e sociedade na esfera literária, são elas: Goldmann, Norbert Elias e Bourdieu.

Para tal empreendimento, fiz uso, sobretudo, do último capítulo do livro “Sociologia do Romance”, de Goldmann (1967), no qual procurei salientar o seu entendimento acerca do “sujeito transindividual”. Em seguida, fiz uso do artigo “Como pode utopias científicas e literárias influenciar o futuro?”, de Norbert Elias (2016), para pensar o “enfoque figuracional”, um de seus conceitos-chave. Por último, reuni sinteticamente alguns conceitos importantes de Bourdieu (1996), como “campo de poder” e o *habitus*; expostos no livro “As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário”.

1. GOLDMANN E SUA SOCIOLOGIA DA LITERATURA

O sociólogo francês Lucien Goldmann (1913 – 1970) nos oferece boas reflexões metodológicas acerca da sociologia da literatura, assentadas no estruturalismo genético. Contrapondo-se ao estruturalismo de Lévi-Strauss, Goldmann não engessa o indivíduo dentro da estrutura; o sociólogo percebe que o comportamento humano tende a agir com coerência diante das questões surgidas na realidade, dando origem às “estruturas significativas”. Tais estruturas não são concebidas individualmente, mas são originadas sempre na coletividade, por meio dos grupos sociais. Influenciado pelo marxismo, o escritor percebe uma dinâmica dialética nas estruturas: se não há uma estrutura fixa, é provável que as ações humanas alterem as estruturas significativas (desestruam as antigas estruturas) e gere novas:

Assim, as realidades humanas apresentam-se como processos bilaterais: desestruturação das estruturas antigas e estruturação de novas totalidades, aptas a criarem equilíbrios que poderão satisfazer às novas exigências dos grupos sociais que as elaboram. [...] Nesta perspectiva, o estudo científico dos fatos humanos, quer sejam econômicos, sociais, políticos ou culturais, implica o esforço de esclarecimento desses processos, destacando ao mesmo tempo os equilíbrios que eles desfazem e aqueles em cujo sentido se orientam. (GOLDMANN, 1967, p. 204)

Adepto das concepções de “assimilação” e “acomodação” de Piaget, Goldmann afirma que as estruturas mentais dos indivíduos são formadas pelo processo de assimilação e acomodação através da interação com o grupo social no qual pertence. Embasado nesta perspectiva coletivista, o pensador adere a concepção de “sujeito transindividual” nos ensejos de seus trabalhos. Portanto, o sujeito é pensado em suas “relações intrasubjetivas”, em que o “indivíduo” não é considerado fora de seu grupo social; no entanto, cabe ressaltar que sua percepção de sujeito não é aquela concebida por Durkheim - “sujeito coletivo”, isto é, totalmente inerte diante da sociedade - , mas sim aquele que, na interação com o seu grupo social, age nas “estruturas significativas”.

Marxista, Goldmann percebe que o sujeito transindividual mais importante é a classe social, e que os demais sujeitos transindividuais – a família, os grupos de intelectuais, os grupos profissionais, etc – na análise das obras literárias, constituiriam apenas explicações periféricas, e não a sua estrutura essencial (GOLDMANN, 1967). Portanto, pautando – se nos pensamentos de Marx, Goldmann também dá uma importância acentuada no plano econômico, percebendo que as relações de produção refletem nos demais âmbitos sociais; assim, a consciência do escritor é relativa ao sujeito transindividual – a classe social no qual pertence. No entanto, veremos que, a posteriori, o autor irá reformular sua teoria quanto à determinação da consciência de classe na produção literária.

As “ideias” provindas das produções literárias são inerentes às estruturas mentais do grupo social em que o escritor está alocado: a “visão do mundo” (a resposta coerente) elaborada pelos grupos sociais, estrutura-se/vincula-se à imaginação do produtor literário. Entendendo, portanto, a importância da coletividade, Goldmann faz críticas às análises psicológicas, nas quais restringem-se apenas na relação escritor x obra, desconsiderando o grupo social do produtor.

Na realidade, a relação entre grupo criador e a obra apresenta-se, na maioria das vezes, de acordo com os seguintes modelos: o grupo constitui-se um processo de estruturação que elabora na consciência de seus membros as tendências afetivas, intelectuais e práticas, no sentido de uma resposta coerente aos problemas que suas relações com a natureza e suas relações inter-humanas formulam. Salvo exceções, essas tendências estão, contudo, longe da coerência afetiva, na medida em que são [...] contrariadas na consciência dos indivíduos pela filiação de cada um deles em outros e numerosos grupos sociais. (GOLDMANN, 1967, p.208)

Ao contrário da tendência em aderir a “explicação” em detrimento da “compreensão”, e vice-versa, Goldmann põe essas duas perspectivas em relação para análise das estruturas. Sendo assim, o sociólogo não pretendia apenas compreender o significado de uma determinada coisa, mas buscava também o entendimento da função/papel dela. Aqui, a compreensão é

relativa à estrutura significativa imanente - no qual o “objeto” é tido de maneira ainda limitada/recortada – e a explicação configura-se na inserção dos resultados da compreensão numa estrutura mais vasta. Para tanto, em “Sociologia do Romance”, o próprio escritor nos relata sobre sua análise às obras de Racine; a priori, ele tenta compreender as estruturas internas de cada obra de Racine, depois de compreender que as estruturas significativas internas são norteadas pela visão trágica de mundo, Goldmann busca compreender o movimento cultural, filosófico e religioso jansenista², no qual havia uma inclinação à visão trágica do mundo, e assim por diante. Grosso modo, o estruturalismo genético trata de analisar a relação dialética existente entre o todo e as partes.

1.1 O romance no mundo capitalista

Como já fora explicado, Goldmann dá uma acentuada importância ao plano econômico para explicação e compreensão dos fatos humanos - e assim não foi diferente na investigação do surgimento do romance, fruto do mundo burguês. Nesta perspectiva, o autor percebe alterações na forma literária romântica com o transcorrer das etapas do capitalismo. Em sua primeira fase – que vai até o início do século XX – o romance caracteriza-se pela presença do herói problemático - calcado pelo desânimo quanto à mercantilização das relações humanas, mostrando suas fraquezas e seu deslocamento diante do mundo capitalista. Pode-se ilustrar, por exemplo, o descontentamento de Wether - herói problemático da obra “Os sofrimentos do jovem Wether”, de Goethe (2010) – perante o mundo burguês:

Tudo, no mundo, acaba em mesquinaria, e um homem que se mata de trabalhar – não por seu próprio desejo ou necessidade imperiosa, mas para contentar os outros - , correndo alucinadamente em busca de fortuna, honrarias ou qualquer outra coisa, será sempre um louco. (GOETHE, 2010, p. 53)

Já no momento posterior à Segunda Guerra Mundial, observa-se uma resignação à tendência capitalista de reificação/coisificação da sociedade, no qual os homens estranham o produto de seu trabalho; neste sentido, os objetos tornam-se “independentes” do homem. Assim, a produção literária do período é permeada pelas descrições detalhistas dos objetos, demonstrando muito pouca – ou nenhuma – ação promovida pelo ser humano; portanto, os

² Jansenismo foi um movimento de cunho moral, disciplinar e político ocorrido no século XVII e XVIII, na França e na Bélgica. Sua doutrina teve como inspiração as ideias do bispo católico Cornelius Otto Jansenius. De modo geral, o jansenismo defendia as perspectivas de Agostinho de Hipona sobre a predestinação, em detrimento das ideias advindas do livre arbítrio e do racionalismo aristotélico.

objetos ficam sempre em primeiro plano. Vejamos, assim, a descrição de uma obra de Robbe-Grillet, escritor característico desse momento:

Justamente esse tema, tão recorrente na literatura, é enfocado por Robbe-Grillet de modo nada convencional: um narrador distanciado (o marido ciumento), como uma câmara fotográfica, retrata com um máximo de distanciamento, frieza e indiferença, cenas que se repetem – sem deter-se em nenhuma caracterização psicológica ou referir-se aos pensamentos e estados de espírito dos personagens igualados às coisas. A supressão dos personagens, a ausência de ação, a ruptura com qualquer linearidade temporal, marcam esse livro perturbador. O único sentimento que tudo move – o ciúme do marido – totalmente sublimado, transfigura-se em sua obsessão de registrar, sem nunca comentar, as cenas imóveis que nos apresenta. (FREDERICO, 2005, p. 437)

Como já fora elucidado acima, Goldmann irá mudar a sua perspectiva quanto à importância da consciência de classe no imaginário artístico/literário. Este processo de revisão, foi justamente permeado pela observação da transposição da reificação na produção artística. Nesta reviravolta de posicionamento, torna-se difícil de perceber a importância da classe social na produção artística, gerando complicações na construção de uma sociologia da literatura, através das contribuições de Goldmann.

2. A IMPORTÂNCIA DAS UTOPIAS E O “ENFOQUE FIGURACIONAL” NA PREVISÃO DO FUTURO: UMA ANÁLISE DOS ROMANCES DE WELLS POR NORBERT ELIAS

Contemporâneo a Goldmann, o sociólogo alemão Norbert Elias (1897 – 1990), nega-se a pensar a sociedade independente do indivíduo (e vice-versa), para tal ele afirma que há uma “teia de interdependência entre os indivíduos”, no qual a sociedade é justamente esta “rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação as outras”. Portanto, o indivíduo só existe em relação, de modo que “cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem “ (ELIAS, 1994, p.13).

Neste sentido, para explicar a estrutura social, é preciso considerar as relações/funções entre os indivíduos na sociedade; por considerar essas relações/funções dinâmicas, o sociólogo nega-se a observar a estrutura de maneira fixa e estática. Para tanto, ele exemplifica o caso do processo de individualização no seio da Renascença:

Em consonância com a estrutura mutável da sociedade ocidental, uma criança do século XII desenvolvia uma estrutura dos instintos e da consciência diferente da de uma criança do século XX. A partir do estudo do processo civilizador, evidenciou-se com bastante clareza a que ponto a modelagem geral, e portanto a formação individual

de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas. Os avanços da individualização, como na Renascença, por exemplo, não foram consequência de uma súbita mutação em pessoas isoladas, ou da concepção fortuita de um número especialmente elevado de pessoas talentosas; foram eventos sociais, consequência de uma desarticulação de velhos grupos ou de uma mudança na posição social do artista - artesão, por exemplo. Em suma, foram consequência de uma reestruturação específica das relações humanas. (ELIAS, 1994, p. 17 – 18).

Por compreender que o indivíduo nasce dotado de impulsos e paixões, na obra “O processor civilizador”, Norbert Elias (1990) nos faz refletir acerca das pressões sofridas pelo homem para torná-lo civilizado. De acordo com o sociólogo, antes do advento da civilização, os homens eram entregues às suas emoções, nisso se pode aferir, que diante de um desentendimento, cada qual resolvia as mazelas que surgiam por meio da violência física. Com a intensificação da divisão do trabalho e das teias de relacionamentos, os indivíduos tiveram que sintonizar sua conduta com a dos outros de maneira que “cada ação individual desempenhasse uma função social” (ELIAS, 1990, p. 196). Esta regularização de ações, requer sempre o autocontrole e a autolimitação, gerando a compressão das paixões e impulsos, na qual varia de acordo com a função e alocação do indivíduo dentro dessa teia de relacionamentos. O equilíbrio entre os controles - permeados por essa teia de relações sociais principalmente durante à infância e a juventude – e as pulsões individuais darão origem as estruturas de personalidade (ELIAS, 1990).

Mas como agora ele [o indivíduo] estava limitado pela dependência funcional das atividades de um número sempre maior de pessoas, tornou-se também mais restringido na conduta, nas possibilidades de satisfazer diretamente seus anseios e paixões. A vida tornou-se menos perigosa, mas também menos emocional ou agradável, pelo menos no que diz respeito à satisfação direta do prazer. Para tudo o que faltava na vida diária um substituto foi criado nos sonhos, nos livros, na pintura. De modo que, evoluindo para se tornar cortesã, a nobreza leu novelas de cavalaria; os burgueses assistem em filmes à violência e à paixão erótica. (ELIAS, 1990, p. 203)

A teia de interdependência entre os indivíduos forma uma estrutura social específica, em que, a posteriori, Elias denominou de “figurações sociais”. Sendo assim, a escola, o exército, a família, a igreja e etc, seriam cada qual uma figuração. Por entender que o indivíduo não é passivo quanto aos fatores sociais, o sociólogo percebe que em cada contexto histórico e social, as figurações sociais são transformadas e mudadas por meio de suas necessidades e inclinações. Para compreender as figurações sociais, é preciso saber que tipo de emoções são nutridas pelos indivíduos em uma determinada época; isto é, é necessário a análise dos padrões de comportamento e personalidade que vigoram naquele período. Percebe-se, portanto, que Elias interessava-se pelos sentimentos envoltos das figurações sociais.

Uma das maneiras de expressar os sentimentos no trato civilizado, é através de livros e pinturas. Limitando-se a fazer o que fora proposto para este trabalho, uma brecha que Elias (2016) nos dá para pensar a relação entre indivíduo e sociedade no âmbito literário, encontra-se em seu artigo “Como pode utopias científicas e literárias influenciar o futuro?”, no qual o sociólogo afirma que Wells (escritor de utopias literárias/científicas) foi capaz de prever o futuro por meio de um “enfoque figuracional”.

Segundo o sociólogo, nem sempre as utopias são capazes de prever o futuro, mas como função social expressam sempre os medos, os sonhos e temores dos homens de uma determinada época. Até porque, as utopias configuram-se em formulações fantasiosas acerca da sociedade, podendo representar uma imagem desejável ou desagradável do contexto social. Assim, de acordo com Norbert Elias (2016, p.17):

As utopias das gerações passadas podem servir a seus descendentes como um indicador confiável, bem-sucedido, das ansiedades e esperanças, anseios e pesadelos de seus grupos ancestrais, tais como as classes sociais, grupos de idade ou sexo, e até mesmo de nações inteiras.

As utopias contidas nas obras de H. G Wells (1866 – 1946) eram embasadas por contentamento, desilusão e medo dos avanços da ciência. Elias percebe que esta desilusão social em torno da ciência já estava ocorrendo desde as teorias de Copérnico e Galileu, nas quais rechaçavam totalmente a concepção religiosa que afirmava a movimentação do sol em torno da terra; o rebaixamento de tal explicação abateu os ânimos dos homens naquele momento, visto que considerar a terra – e, por isso também, a humanidade – apenas como um planeta que rodava em torno do sol, tirava da humanidade sua satisfação de ser o centro, afetando seu sentimento de importância. Assim como este desalento tomado pelos seres humanos, o medo também não é algo novo ao século XX; este, por exemplo, está presente desde o surgimento da concepção de punição a Adão por ter provado o fruto da árvore do conhecimento. Neste sentido, o autor afirmou que: “Não se pode entender a profundidade destas angústias sem levar em conta que o medo e a desconfiança dos homens frente a sua própria capacidade de descobrir e de inventar não é nada novo” (ELIAS, 2016, p. 24).

Norbert Elias percebe que as redes de interdependência (as figurações sociais) - no qual, os sentimentos dos indivíduos estão imbricados - são perpassadas por relações de poder. E, como tal, o âmbito científico não escapa dessas relações. O sociólogo atenta que geralmente as opiniões proferidas acerca do uso da ciência só se expressavam por meio dos conhecimentos científicos em si, sem relacioná-los a uma estrutura de poder, no qual os Estados estavam sempre em disputa. Segundo o autor, o medo, a imaginação e, principalmente, a percepção

dessas relações de poder, foram fundamentais para que as utopias de Wells quanto à eclosão da guerra de trincheiras se efetuassem; isto é, graças ao enfoque figuracional, no qual percebia os progressos cada vez mais acentuados do meio científico/armamentista e o relacionamento político espinhoso entre os países, sua previsão pôde se efetivar, sem fazer uso nenhum dos métodos quantitativos/estatísticos.

3. A LITERATURA COMO CAMPO DE PODER

Assim como Norbert Elias, o sociólogo francês Bourdieu (1930 – 2002) rechaça a concepção de indivíduo passivo defronte à sociedade, o percebendo também como agente na estrutura social - mutável. Para pensar a relação indivíduo e sociedade no âmbito literário, Bourdieu lança mão de seus conceitos clássicos para compreender o campo da Literatura. É nesta perspectiva que o pensador vai contrapor a postura bastante comum na sociologia em visualizar as obras artísticas e literárias como reflexos da sociedade ou grupo social do escritor, ao refletir sobre as peculiaridades do “campo literário”. Mas como classificar um campo? Bourdieu, em “Razões Práticas”, afirma que uma das características essenciais do campo, é a disputa de poder:

O campo de poder (que não deve ser confundido com campo político) não é um campo como os outros: ele é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou, mais precisamente, entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente e cujas lutas se intensificam sempre que o valor relativo dos diferentes tipos de capital é posto em questão (por exemplo, “a taxa de câmbio” entre o capital cultural e o capital econômico); isto é, especialmente quando os equilíbrios estabelecidos no interior do campo, entre instâncias especialmente encarregadas da reprodução do campo do poder (no caso francês, o campo das grandes escolas), são ameaçadas. (BOURDIEU, 1996, p. 52)

Ao refletir sobre a correspondência do poder no campo literário, o autor percebe uma característica marcante na literatura francesa a partir do século XIX: a autenticidade no desinteresse; isto é, os produtores culturais conclamavam uma arte desvinculada dos interesses econômicos, depois de um longo tempo de subordinação aos interesses estéticos e éticos da Igreja. Esta demanda pelo desinteresse econômico é tão intensa que gerou uma hierarquização entre os escritores, no qual colocava-se em risco a legitimidade do escritor uma vez que adequado aos interesses comerciais. Assim, é de se esperar que a noção de “não-sucesso” pôde ser relativizada neste período, tendo em vista que um bom escritor é justamente aquele que não se “vende” às propostas comerciais de obtenção de lucro. A época era caracterizada por dois tipos de arte: a “arte pura”- correspondia-se à poesia, em que vendia-se pouco, mas tinha um

maior “valor simbólico” - e a “arte comercial” – caracterizada pelos lucros do teatro, o romance popular, o jornalismo e o cabaré.

Esse "ver enquanto tal" (segundo a expressão de Wittgenstein) que os artistas "puros" procuram impor contra a visão ordinária não é outro, pelo menos nesse caso, que não o ponto de vista fundador pelo qual o campo se constitui como tal e que, a esse título, define o direito de entrada no campo: "que ninguém entre aqui" se não estiver dotado de um ponto de vista que concorde ou coincida com o ponto de vista fundador do campo; se, recusando jogar o jogo da arte enquanto arte, que se define contra a visão ordinária e contra os fins mercantis ou mercenários daqueles que se colocam ao seu serviço, pretender reduzir os negócios de arte a negócios de dinheiro (segundo o princípio fundador do campo econômico, "negócios são negócios"). (BOURDIEU, 1996, p. 253, **grifos do autor**)

Percebe-se, portanto, que a luta no campo literário configurou-se na disputa da delimitação/classificação do próprio campo em si entre os produtores de “arte comercial” e produtores de “arte de pura”/ “desinteressada”; isto é, no campo da Literatura, o conflito perpassava sobre a classificação e conceituação de “o que é” ou “quem poderia ser considerado” um escritor. Esta disputa de poder para impor um/a conceito/classificação, gerou uma dificuldade em concluir o que de fato era um escritor, no sentido universal.

Por conseguinte, se o campo literário (etc.) é universalmente o lugar de uma luta pela definição do escritor, não existe definição universal do escritor e a análise nunca encontra mais que definições correspondentes a um estado da luta pela imposição da definição legítima do escritor. (BOURDIEU, 1996, p. 254)

Por notar essas disputas, o autor se nega a pensar as obras de literatura como mero reflexo das questões econômicas e sociais de sua época, preferindo analisá-las tendo em vista o “espaço de possíveis”, no qual visa a reconstituição histórica do escritor determinado, colocando-o em relação com outros escritores desse período, de maneira a perceber o que seria um escritor digno em sua época. Nesta perspectiva, Bourdieu não só rechaça a noção de reflexo das características econômicas e sociais nas obras, como também rejeita às análises puras/internas das obras nas quais não consideram o contexto histórico e nem percebe a Literatura como um campo de poder.

Em “Razões Práticas”, Bourdieu faz críticas diretas a Goldmann justamente por perceber as obras literárias como reflexo das visões do grupo social/classe social no qual o escritor pertence; isto é, reduz as produções culturais às perspectivas econômicas, sem compreender, antes de tudo, que a Literatura como campo, é um “microcosmo social”, ou seja, tem suas próprias estruturas e leis, nas quais os agentes podem modificar conforme seu interesse – nem sempre econômico, pois, como vimos, as mudanças podem partir de uma postura desinteressada. Isso implica a dizer que é preciso pensar de modo relacional, situando um escritor em relação aos outros no espaço social.

É preciso, de fato, aplicar o modo de pensar relacional ao espaço social dos produtores: o microcosmo social, no qual se produzem obras culturais, campo literário, campo artístico, campo científico etc., é um espaço de relações objetivas entre posições - a do artista consagrado e a do artista maldito, por exemplo - e não podemos compreender o que ocorre a não ser que situemos cada agente ou cada instituição em suas relações objetivas com todos os outros. E no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam, e isso por meio dos interesses específicos que são aí determinados. (BOURDIEU, 1996, pp. 60 – 61)

Assim, Bourdieu propõe estudar duas estruturas das obras literárias: as estruturas das obras (o gênero, a temática, a forma, o estilo, etc.) e o campo literário – constituído como campo de força; e são justamente essas lutas que definem a mudança ou a permanência das relações de força, afetando também as estruturas dos campos nas formas (BOURDIEU, 1996). Para tanto, serão as tomadas de posições dos agentes e das instituições – isto é, as estratégias – que irão destinar tal manutenção ou mudança; estando a posição imbricada na quantidade de capital simbólico dos produtores. No entanto, é importante considerar que a posição e as estratégias não se tratam de uma “determinação mecânica”: os escritores criam seus próprios projetos, nos quais são inscritos por suas percepções intermediadas pelo *habitus*.

Para resumir em poucas frases uma teoria complexa, eu diria que cada autor, enquanto ocupa uma posição em um espaço isto é, em um campo de forças (irredutível a um simples agregado de pontos materiais), que é também um campo de lutas visando conservar ou transformar o campo de forças, só existe e subsiste sob as limitações estruturadas do campo (por exemplo, as relações objetivas que se estabelecem entre os gêneros); mas também que ele afirma a distância diferencial constitutiva de suas posições, seu ponto de vista, entendido como vista a partir de um ponto, assumindo uma das posições estéticas possíveis, reais ou virtuais, no campo de possíveis (tomando, assim, posições em relações a outras posições. (BOURDIEU, 1996, p. 64)

Por compreender que o campo literário é uma disputa de poder – em que há uma ligação direta com a posição que o escritor ocupa no campo – e que a percepção do escritor é perpassada pelo *habitus*, Bourdieu ressalta a importância de se considerar a trajetória do produtor literário ao longo de sua carreira na abordagem sociológica da literatura. Isto não implica fazer uma biografia do escritor, mas sim um levantamento das sucessivas posições ocupadas por ele ao longo do campo literário, ou seja, saber a “publicação em tal ou qual revista, ou por tal ou qual editor, participação em tal ou qual grupo etc.”

Ademais, o sociólogo aponta que ao fazer este levantamento é possível perceber as hierarquias no campo; no qual, ele mesmo pôde identificar uma relação direta entre a hierarquia de posições e a hierarquia de origens sociais. Nesta perspectiva, em seu estudo sobre o campo literário na França, percebeu que os romances populares – cujos escritores tem pouco capital cultural, mas um alto capital econômico – são deixados para a classe dominada e as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa breve reflexão calcada na abordagem de alguns dos principais conceitos de Goldmann, Norbert Elias e Bourdieu, percebemos as aproximações e distanciamentos no trato à problemática da agência e estrutura no âmbito literário. Enquanto Goldmann, em sua inicial abordagem, considerava que a imaginação literária do escritor pautava-se nas estruturas mentais do seu grupo social, Bourdieu discorda explicitamente dessa postura, ao perceber a Literatura como campo – um campo de poder – no qual tem suas próprias regras e leis, modificadas de acordo com as tomadas de posições dos produtores literários. Ademais, seu conceito de *habitus* ligada a uma noção de possibilidade/probabilidade, não engessa o indivíduo às ideias/gostos/estilos de seu grupo social. Assim, é provável que o escritor reproduza posturas iguais/semelhantes ao seu grupo social, mas tal reprodução pode ser quebrada; ou seja, o *habitus* não é rígido ou mecânico, ele é um princípio de orientação; sendo durável, e não imutável – dando-se margem para subjetividade do indivíduo, que pode optar por “desnaturalizar” tal reprodução.

Assim como Bourdieu, Norbert Elias também é um “teórico de síntese”- quem posiciona-se contrário às teorias puramente objetivas ou subjetivas; contrapondo sempre indivíduo e sociedade. Neste sentido, ao analisar as obras de Wells, Norbert Elias o observou como um ser pensante, que foi capaz de refletir as relações de poder e os avanços das produções científicas, e, assim, associá-los. Todavia, como vimos, ao retratar o caso das utopias, a análise não foi puramente “subjetivista”, tendo em vista que ao longo do artigo trabalhado, Elias pontuou os medos e desalentos sociais ao longo da história; percebendo que o receio dos avanços do conhecimento presentes no romance de Wells, é histórico. Assim, o sociólogo não percebe a utopia como produção apenas pessoal/individual; a entende, portanto, como pistas fundamentais na compreensão dos medos, angústias e esperanças de uma sociedade numa determinada época.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Papirus Editora, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 1989.

COUTINHO, Fernanda Maria Abreu. Pierre Bourdieu e a gênese do campo literário. *Revista de Letras*, v. 1, n. 25, 2003.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Zahar, 1994.

_____. *¿Cómo pueden las utopías científicas y literarias influir sobre el futuro?* Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/1364/3/02CAPI01.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Volume 2. Zahar, 1990.

FREDERICO, Celso. A sociologia da literatura de Lucien Goldmann. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 54, p. 429-446, 2005.

GOLDMANN, Lucien. A sociologia da literatura: status e problemas de método. *Crítica e dogmatismo na cultura moderna*, p. 41-74, 1973.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Editora Paz e Terra, 1967.

LÖWY, Michael. Goldmann e o estruturalismo genético. *Serviço Social e Sociedade*, n. 21, 1986.

SUTTANA, Renato. *Literatura e sociedade, mais uma vez: uma reflexão com Norbert Elias*. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Mesa_Coordenada/Trabalhos_Completos/Renato_Suttana.pdf>

VON GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Abril, 2010.

Recebido em: 30 de out. 2016

Aceito em: 08 de jul. 2017